

A GUERRA SÍRIA E A SEGURANÇA GLOBAL
UM EXERCÍCIO PROSPETIVO

Marco Fortunato Arrifes ¹

Supervisor Pedagógico da Direção de Educação do Exército/Doutorando no Doutoramento em História, Estudos de Segurança e Defesa (AM/ISCTE).

RESUMO

Ao fim de quatro anos de violentos confrontos, a guerra civil em curso na Síria não parece encaminhar-se para um desfecho rápido, revelando ao invés um elevado potencial de disrupção regional e global.

Com este estudo, e através da utilização de metodologias prospetivas, pretende avaliar-se as eventuais consequências que este conflito poderá ter na segurança regional e global, no caso provável de para ele não se encontrar uma rápida solução.

Palavras-chave: Síria; Guerra; Segurança; Riscos.

ABSTRACT

After four years of violent clashes, the ongoing civil war in Syria doesn't look about to end in a near future, revealing instead a high potential for regional and global disruption.

Through the use of strategic foresight methodologies, this study aims to evaluate the possible consequences that this conflict may have on regional and global security, in the likely event that a rapid solution to this conflict cannot be found.

Keywords: Syria; War; Security; Risks.

¹ Contacto: Email – marrifes@gmail.com

Recebido em 22 de março de 2016 / Aceite em 30 de maio de 2016

INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste artigo é a reflexão sobre as eventuais consequências que a guerra atualmente em curso no Médio Oriente poderá implicar para a segurança global. Para tal propomo-nos à realização de um exercício prospetivo que pretendendo refletir sobre futuros possíveis não se quer esgotado na mera previsão, na medida em que visa o equacionar de hipóteses, tomando como inspiração uma metodologia de cenários. Nesse sentido o caminho que aqui nos serve de amparo deriva da convicção partilhada com Michel Godet, de que não existindo propriamente um método ideal para a construção de cenários, a pluralidade de paradigmas existentes deve assentar no respeito pela presença de regras, tendentes a garantir a comparência de um conjunto de etapas integradas, com relações regularizadas de autonomia e interdependência. Por isto optámos pela aplicação de uma metodologia assente na Análise dos Impactos Tendenciais, à qual introduzimos algumas alterações, no sentido da sua simplificação e da valorização da narração em detrimento do quantitativo. Este método, muito utilizado ao nível empresarial, estrutura-se a partir do desenvolvimento de três etapas elementares, matriciais e sistémicas, as quais moldámos do modo infra esclarecido:

1. Definição do foco, ou seja a caracterização do objeto sobre o qual se pretende lançar cenários alternativos de evolução. Neste caso concreto o objeto é a guerra civil em curso no território sírio;
2. Construção de cenários alternativos a serem aplicados sobre o foco. Neste ensaio optámos pela formulação de hipóteses em detrimento da elaboração de cenários, por esta última via ser muito exigente em termos metodológicos.
3. Projeções sobre o impacto hipotético, mas fundamentado, que cada um dos cenários terá sobre o foco. Neste estudo, mais do que entender os impactos que sobre o foco poderão ter as hipóteses, interessa-nos prospetivar de que modo o objeto, transformado por cada uma das vias alternativas hipotéticas, poderá ter capacidade de implicar na segurança global, sob o prisma dos riscos.

No sentido de alcançar o objetivo a que nos propomos estruturámos o trabalho em quatro pontos, desde as considerações introdutórias à bibliografia final. Porém, esta sequência não esconde duas partes nucleares: em primeiro lugar esta introdução onde apresentamos o objetivo geral, a metodologia a aplicar e a estrutura do trabalho. Numa segunda etapa tentaremos averiguar de forma prospetiva e devidamente sistematizada, com base na metodologia definida, quais as consequências que o conflito na Síria poderá implicar em termos de segurança.

No que concerne ao enquadramento conceptual, e a despeito de aqui não podermos elaborar uma reflexão teórica aprofundada sobre os diversos entendimentos que a doutrina atribui às noções de segurança e de risco, surge-nos como necessário esclarecer qual a dimensão em que, neste estudo, se inserem.

Assim, a ideia de segurança é aqui entendida com a espessura conceptual inerente à noção ampla de segurança humana, para a prossecução da qual as comunidades desenvolvem uma multiplicidade de atividades, as quais se integram na noção de defesa, no seu entendimento alargado ².

Faremos esta análise tendo em consideração um corpo estruturado de riscos, entendidos de acordo com um conceito mais abrangente do que a noção de ameaça, e que assim remetem para um conjunto alargado de situações com potencial de pôr em causa a segurança humana.

Após isto terminamos com uma conclusão.

1. ANÁLISE PROSPETIVA

Para a realização do exercício prospetivo a que nos propomos e concretizando a metodologia supra identificada, apresenta-se de seguida uma caracterização sucinta do foco, a formulação das hipóteses e uma projeção do impacto que o foco, hipoteticamente transformado, poderá ter sobre os riscos.

1.1 O Foco

Em março de 2011 o embate dos acontecimentos que então varriam o norte de África, e a que genericamente se apelidou de «Primavera Árabe», atingiu a Síria. À repressão inicial e brutal dos intentos de democratização cedo se juntaram alguns outros elementos de essência mais estrutural, os quais acabaram por se assumir como determinantes para o escalar do conflito.

Os elementos estruturais supra mencionados, na complexidade dos seus mecanismos de receção e transmissão ideológica, constituíram os espaços nos quais as mais amplas motivações da conflitualidade se formataram e expressam-se na seguinte trindade: a heterogeneidade étnica e religiosa ³, o processo histórico de definição e demarcação das fronteiras e o posicionamento da Síria no sistema global.

No que ao primeiro ponto diz respeito cumpre sublinhar que a sua relevância resulta do controle que as minorias alauitas, que suportam o Presidente Assad, exercem sobre todo o aparelho de estado, excluindo a maioria sunita das estruturas soberanas do regime, mas também da fruição das vantagens económicas.

Com efeito, o modelo económico vigente em Damasco desde finais do século passado, assente na preponderância do estado autoritário com os seus favores e clientelismos, mas também com emprego público e políticas sociais, funcionou

² A este propósito ver Adriano Moreira, p. 417, 1983

³ Por alturas do deflagrar do conflito mais de 70% da população era de orientação religiosa sunita, contra 15% de xiitas, 6% de curdos e 4% de turcos e arménios.

com sucesso apreciável para as burguesias urbanas próximas do regime, mas não para os restantes grupos étnicos.

Deste modo consolidou-se um sentimento de exclusão, de não pertença ao todo, uma espécie de heteronomia, ou seja uma perceção de submissão a condicionamentos entendidos como exteriores, o que facilitou a aceleração de ressentimentos sectários, os quais, perante a amplitude das restantes características contextuais acabaram por contribuir para o eclodir de expressões de violência.

Quanto ao que apelidámos de processo histórico de construção das fronteiras, parece pertinente convocar desde logo os mecanismos de propaganda do grupo terrorista que desde junho de 2014 se auto designa «estado Islâmico».

Nessa data, o referido grupo extremista sunita comunicou ao mundo a sua nova designação, abandonando a anterior onomástica de “estado Islâmico do Iraque e do Levante”. Para tal lançaram nas plataformas digitais um vídeo intitulado “The End of Sykes-Picot”, remetendo-nos deste modo para o acordo assinado em 1916 pelos diplomatas Mark Sykes e François Picot. Nesse acordo, britânicos e franceses definiram, de modo mais ou menos arbitrário, os princípios que estiveram na base dos vários tratados que entre 1920 e 1923⁴ nortearam a divisão mandatária dos despojos do derrotado Império Otomano. Deste processo, que não pode ser entendido sem que se tenha em consideração o ambiente geoestratégico do pós grande guerra, resultou uma cicatriz nunca cauterizada e que se expressa na arbitrariedade das delimitações fronteiriças e na artificialidade das divisões nacionais, étnicas e religiosas.

Atravessando o século XX várias foram as tentativas irredentistas que, com diferentes enquadramentos, se tentaram assumir como um discurso de superação dessa herança colonial; desde os projetos da Grande Síria de Abdullah da Transjordânia às visões do Pan- arabismo de Kadhafi, passando pela fracassada união entre a Síria e o Egito entre 1958 e 1961. A despeito das suas particularidades também os atuais projetos independentistas curdos ou as utopias extremistas do califado, expressas no vídeo supra citado, se podem integrar naquela tradição e assumem-se como elementos incontornáveis do conflito aqui em análise⁵.

Já quanto ao posicionamento da Síria no contexto global e regional, o que aqui importa deixar presente é sobretudo o entrelaçado de interesses que se conflituam, e que uma análise sumária dos atores em conflito deixa entender. Assim, e a despeito da pulverização dos atores envolvidos parece-nos possível dividir os principais contendores em três grupos: as forças do regime, internamente apoiadas pelos grandes interesses económicos alauitas e sustentadas no controle

⁴ A conferência de San Remo em 1920 estabeleceu a partilha do Médio Oriente entre Ingleses e Franceses, de acordo com o estabelecido no acordo Sykes-Picot. Posteriormente os tratados de Sévres (1920) e Lausana (1922/23) consolidaram e estabilizaram o processo.

⁵ Sendo certo que o projeto de califado aponta para uma estratégia de dominação global que em muito excede a lógica irredentista.

sobre as forças armadas, nomeadamente a força aérea, a guarda republicana, a 4ª divisão e os corpos de elite; a oposição não radical, pulverizada mas genericamente apostada em projetos de Democratização, e a oposição extremista sunita, irreconciliavelmente dividida entre a Frente al-Nusra, ligada à Al-Qaeda e o já referenciado «estado Islâmico», que aos óbvios projetos geoestratégicos, adivinhados na sua condenação aos resquícios coloniais, acrescenta uma base confessional Wahabista. Perante este mosaico de forças, o perfilar da cooperação internacional tem passado, fundamentalmente, pelos apoios declarados da Rússia e do Irão ao regime de Assad, e dos Estados Unidos, da Turquia ⁶, da Arábia Saudita e do Qatar às forças de oposição moderadas.

Esta dinâmica de apoios, assente numa interpenetração interno/externo e local/regional/ global, gerou uma internacionalização do conflito que condiciona de forma significativa a sua resolução, na medida em que implica com o jogo de equilíbrios local e com o reposicionamento das potências regionais e mesmo globais, introduzindo fatores disruptivos num sistema internacional em mutação. Ao mesmo tempo, a internacionalização condiciona o próprio evoluir das operações no terreno, na medida em que implica importantes transferências de recursos para quase todos os agentes envolvidos.

Com efeito, o conflito que começou por ser uma guerra de baixa intensidade rapidamente foi adquirindo características que podemos integrar numa conceitualização de guerra híbrida.

Neste conceito integramos as guerras em que se verifica uma incorporação sistemática, portanto integrada e não meramente sobreposta, de capacidades convencionais, táticas irregulares, terrorismo e violência indiscriminada. Sendo disto bom exemplo a atuação da generalidade das forças no terreno e desde logo das próprias forças governamentais, que combinam a utilização de mísseis balísticos e das capacidades aéreas com a atuação da milícia pró regime, Jaysh al-Shabi. Milícia que tem sido utilizada como instrumento paramilitar de repressão, atuando de forma integrada com as forças convencionais, mas utilizando técnicas irregulares muito próximas do terrorismo, visando a limpeza étnica de algumas regiões cujo domínio é considerado fundamental na estratégia de Damasco.

Esta mutação expressa-se no terreno pela preponderância das operações visando o controlo das principais vias de comunicação e zonas fronteiriças, o que implica a ocupação de centros urbanos estrategicamente colocados, levando ao cerco de cidades como Wadi al Deif pelas forças da oposição e de Homs pelo regime, com consequências dramáticas em termos de desarticulação social e económica.

⁶ Não obstante as perceções mediáticas de apoio de Ancara ao «estado Islâmico», através da aquisição de petróleo abaixo dos preços de mercado.

Este contexto operacional, só possível pelas capacidades logísticas disponibilizadas externamente, levou ao assumir de contornos de grande violência com impactos profundos nas populações, que em busca de segurança têm sido obrigadas à concretização de estratégias de mobilidade, migrações, primeiro internas e depois externas.

1.2 As HIPÓTESES

Retirando consequências da caracterização apresentada no ponto anterior, parece-nos ser viável a afirmação de que a probabilidade do conflito se manter por muitos anos é mais do que uma mera intuição. Esta ideia é mesmo comprovada por um conjunto de estudos recentes que, devidamente fundamentados em análises comparativas de dinâmicas de várias guerras civis, afirmam a inevitabilidade de só após 2020 se poder assistir a um desenlace definitivo, mesmo que compromissório, das operações militares ⁷.

Ao mesmo tempo, a soma das forças estruturais profundas aos elementos conjunturais iminentes do sistema global em reestruturação, e que se expressam nas lógicas dos centros de poder global, regional e para regional em inter-relação, parecem indicar a forte possibilidade de nenhum dos atores internos atualmente envolvidos no conflito sair dele claramente vencedor.

Tomando em consideração estes elementos, em simultâneo com a convicção de que para tornar exequível o exercício, as hipóteses a levantar teriam de ser simples e tendencialmente fechadas, na medida em que quanto maior fosse o número de variáveis a introduzir mais elevado seria o número de projeções a considerar, optamos por utilizar as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 (H1) – Continuação prolongada do conflito militar,

Hipótese 2 (H2) – Imposição externa de uma solução transitória, a médio prazo.

1.3 Os Riscos

Não se procura ser particularmente original quando se afirma que, na atualidade, as fontes da insegurança se assumem como cada vez mais diversificadas. Na verdade, a temporalidade da nossa narrativa, marcada por inquietações, turbulências, mutações e também estupefações várias, assiste ao consolidar da ultrapassagem de uma noção de risco meramente ancorada na eventualidade

⁷ Max Fischer (2013), através de uma análise histórica e de Ciência Política conclui que a duração média das guerras civis é de dez anos. Refere no entanto que esta longevidade foi aumentando a partir do fim da 2ª guerra mundial e que este tipo de conflitos têm a tendência para se tornarem mais violentos e prolongados quando se verifica intervenção de potências estrangeiras, grande número de facções envolvidas e quando nenhum dos lados demonstra capacidade para desarmar os oponentes. No essencial o conflito sírio reúne todas estas condições.

de ofensivas militares externas, por um entendimento mais lúcido em que as fontes de insegurança, qual Janus, assumem múltiplos semblantes: o terrorismo transnacional, o ciberterrorismo e a cibercriminalidade, a criminalidade transnacional organizada, a disputa por recursos escassos, a proliferação de Armas de Destruição Maciça (ADM) ou os estados falhados, para além das catástrofes naturais e das crises financeiras ⁸.

Em função deste entendimento, a avaliação prospetiva do modo como o conflito sírio, hipoteticamente transformado pelos dois caminhos alternativos supra apresentados, poderá implicar nalguns dos riscos globais mencionados, pode ser sintetizada de acordo com a seguinte tabela:

RISCOS	(H1)	(H2)
Conflitos Regionais.	<i>Risco</i>	<i>Risco</i>
ADM.	<i>Risco</i>	<i>Risco</i>
Multiplicação de Estados falhados e	<i>Risco</i>	<i>Risco</i>
Terrorismo Transnacional.	<i>Risco</i>	<i>Risco</i>
Ciberterrorismo.	<i>Risco</i>	<i>Risco</i>

Perante isto, convém agora esclarecer alguns dos motivos que se nos afiguram como potencialmente causadores daquilo que consideramos como sendo riscos elevados. Começando pela (H1) que se revela com maior capacidade potencial de introduzir fatores de risco agravado no sistema global, consideramos que a hipotética incapacidade dos atores imporem uma qualquer modalidade de resolução do conflito, no curto ou no médio prazo, poderá assumir-se como um elemento propiciador para o escalar regional dos afrontamentos bélicos, mas também para a multiplicação dos estados falhados e de várias formas de terrorismo.

No que aos conflitos regionais concerne, o seu agravamento, neste contexto, poderá derivar de um amplo conjunto de condicionantes de entre as quais cumpre destacar: a necessidade de controlo de zonas fronteiriças, os ideias expansionistas inerentes ao projeto global do «estado Islâmico», o regresso de jihadistas chechenos à pátria, a eventual tentativa radical de projetar o conflito para território iraniano e o incremento da ação do Hezbollah.

Como vimos, na sucinta caracterização geoestratégica desta guerra, a luta pelo controlo de zonas fronteiriças chave é central para muitos dos atores no terreno, de modo a manterem abertos os canais de comunicação e de fornecimento de recursos externos. Assim, o prolongar temporal do conflito poderá intensificar

⁸ Como surgem consignados em vários documentos estruturantes, nacionais e internacionais.

as ações militares nas zonas de fronteira com o Líbano e a Jordânia, forçando a intervenções mais acutilantes por parte destes estados, no sentido não só de evitarem ataques às suas soberanias mas também de limitarem a capacidade de instabilização interna que deriva da agitação nas suas fronteiras e das ações de penetração radical.

Por outro lado, não são de excluir cenários de projeção do conflito para o Cáucaso e até mesmo para territórios iranianos. No primeiro caso e não obstante uma das motivações da postura de Moscovo neste conflito ser a de tentar evitar este tipo de contágio, ele não nos parece completamente controlável, sobretudo se não existirem meios eficazes para inviabilizar o regresso dos jihadistas chechenos que atualmente combatem na Síria. Já no segundo caso, e apesar da forte coesão interna, estabilidade política e poderio militar do regime de Teerão, lhe conferirem significativa proteção contra eventuais investidas convencionais, a possibilidade de enfraquecer o principal aliado das forças governamentais sírias, aproveitando ao mesmo tempo o larvar descontentamento das populações azeris das regiões fronteiriças iranianas, poderá ser um apelo irresistível para os extremistas sunitas. Irão que por seu turno não deixará, no contexto de uma “guerra sem fim”, de manter o seu posicionamento no conflito, como forma de consolidar a sua crescente influência e de reforçar a lógica do eixo xiita. Mantendo certamente os seus apoios em termos de recursos humanos e materiais ao regime e contribuindo para o acentuar da ação do Hezbollah. Tomando em linha de conta que a atuação do «Partido de Deus» não se pauta apenas pela proteção das populações Xiitas e dos seus lugares sagrados face à fúria do extremismo Sunita, mas se guia por princípios geoestratégicos muito bem definidos, os quais para além da representação dos interesses iranianos também se expressam pelo seu desejo de influência no Líbano e na contestação à existência de Israel, compreendemos que uma afirmação da sua posição territorial na Síria poderá implicar instabilidade em Trípoli e sobretudo a perceção Israelita de necessidade de intervenção.

Em paralelo, e como a continuidade da guerra só é viável com a manutenção dos apoios internacionais, não só o fluxo de fornecimentos de armas se continuará a verificar, contribuindo para o agravamento da catástrofe humanitária que já marca a ferro a realidade regional⁹, como a tensão entre as potências estrangeiras envolvidas poderá introduzir perigosos fatores de aceleração num sistema internacional que, pelo menos desde 2008, ainda não se conseguiu estabilizar e definir.

Por tudo o que atrás ficou referido parecem ser também evidentes as potencialidades de ampliação de estados fragilizados, incapazes de exercerem uma plena soberania sobre os seus territórios. Desde logo a própria Síria que com o perpetuar da guerra

⁹ E que por via dos fluxos migratórios denota capacidade de instabilização global.

tenderia a ver eternizada a atual divisão territorial, tornando cada vez menos provável a recuperação dos seus plenos mecanismos de soberania. Mas também o Iraque, o Líbano e ainda o Iémen.

Neste último caso, o avanço da Al-Qaeda ao longo dos últimos anos contribuiu decisivamente para a desagregação dos sistemas económico e social do país, mas de todo o modo estes não são os principais problemas. O problema principal é político e tem-se expressado na incapacidade de afirmação de uma estrutura de poder verdadeiramente soberana, pelo que uma eventual estabilização das frentes na Síria e no Iraque poderia permitir uma tentativa de expansão do “estado Islâmico” para o sul da Península Arábica, criando aqui mais uma frente de guerra entre sunitas e contribuindo decisivamente para o completo desagregar do estado iemenita.

Concluindo estas reflexões, suscitadas pela 1ª hipótese levantada, e na sequência do que anteriormente se referiu a propósito da possibilidade de generalização de estados falhados, é fácil entender que estes territórios, pela incapacidade de sobre eles se impor uma autoridade assente numa violência legítima e organizada, facilmente se constituem como santuários para atividades criminosas de índoles diversas e desde logo facilitam o recrutamento, o treino e o refúgio de terroristas.

Entrando na (H2), “Imposição externa de uma solução transitória”, diga-se desde logo que esta hipótese, para além de não se assumir como provável a curto prazo, também não demonstra potencialidades para a erradicação do problema do terrorismo.

Mesmo assumindo que a sua concretização possa, em virtude da ação internacional, despojar os grupos radicais da sua base territorial, que lhes concede recursos materiais e humanos, não existe qualquer viabilidade no sistema regional ou global para acomodar os projetos subjacentes às ações destes grupos, pelo que se vislumbra a manutenção da sua política de projeção interna e externa das técnicas de violência indiscriminada e assimétrica.

Já no que respeita aos restantes riscos esta (H2) parece assumir-se como menos potencializadora, sendo no entanto de notar que a sua concretização só parece viável com a efetivação de duas condições: a substituição de Assad e a formação de um governo transitório de unidade nacional, com o objetivo de reorganizar o país, recuperar uma efetiva soberania sobre todo o território e garantir condições de desenvolvimento económico, que permitam o regresso de muitos dos refugiados atualmente dispersos pela Europa.

É preciso ter em conta que a concretização das referidas condições implica no primeiro caso a criação de circunstâncias para a salvaguarda dos interesses estratégicos russos e iranianos, pois de outro modo estas potências não deixarão cair a atual liderança; e no segundo caso uma convergência entre as oposições não radicais, o que de todo o modo não se configura acessível, face aos diversos projetos e modelos sócio económicos que veiculam.

CONCLUSÃO

Concluindo esta análise pode afirmar-se, prospectivamente, que o conflito na Síria, em virtude das suas múltiplas condicionantes e especificidades, não parece oferecer condições para um desfecho rápido e definitivo.

Assim sendo, são vários os riscos que se podem constituir como fatores disruptivos, tanto para o sistema de segurança do Médio Oriente como para o próprio sistema internacional. Nomeadamente a expansão dos conflitos regionais, a generalização dos estados falhados e em particular o acentuar da atividade terrorista. De todo o modo, a eventualidade de emergência de soluções negociadas, por virtude de processos concertados de intervenção internacional, pode, ao invés, contribuir para a reestruturação do estado sírio e o conseqüente reforço dos seus mecanismos de soberania, o que permitiria a Damasco recuperar o controlo sobre grande parte do seu território¹⁰, e ao sistema regional acomodar fatores de estabilização.

Todavia, afigura-se que o futuro será tão confuso como o passado e não é de excluir que nenhuma daquelas hipóteses se revele de forma clara e exclusiva. Ou seja, parece viável que a manutenção da conflitualidade se torne endémica nas margens do complexo geográfico sírio libanês, em simultâneo com uma recuperação de poder ao centro, o que permitiria a sustentação de equilíbrios regionais entre interesses sunitas e xiitas, não revelando no entanto capacidade suficiente para conter as ameaças extremistas.

As quais, se bem que não partilhemos a convicção, que começa a fazer escola, de que o terrorismo internacional se poderá transformar numa questão perene, controlável mas não extingüível, só poderão ser erradicadas se combatidas de modo concertado, solidário e consciente das suas múltiplas cambiantes ideológicas, históricas e geoestratégicas, que o teatro de operações sírio tem ajudado a revelar de modo muito evidente.

¹⁰ Apesar de se poder conjecturar sobre a possibilidade de algumas potências regionais preferirem manter o território sírio partilhado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, Leonel (1983), «Algumas reflexões sobre conceitos de defesa» in *Revista Nação e Defesa*, Ano VIII – n.º 25, janeiro-março, pp 91-106.
- FISCHER, Max (2013), «Political science says Syria’s civil war will probably last at least another decade», in *The Washington Post*, 23 de Outubro.
- FONTOURA, Luís, Coord. (2013), *Segurança e Defesa Nacional, Um Conceito Estratégico*, Almedina, Lisboa.
- GIDDENS, Anthony (2000), *Dualidade da Estrutura*, Celta Editora, Oeiras.
- GODET, Michel, (1996), *Manual de Prospectiva Estratégica*, Círculo dos Leitores, Lisboa.
- LAWSON, Fred (2014) *Implications of The 2011-13 Syrian Uprising for the Middle Eastern Regional Security Complex*, Georgetown University, School of Foreign Service, Qatar.
- MOREIRA, Adriano, (2002) *Teoria das Relações Internacionais*, 4ª edição, Livraria Almedina, Coimbra.
- MOSTAFIZ, Meah, (2013) *Syrian Conflict, Dilemmas and Challenges in Peaceful Settlement*, European Peace University, Austria.
- THOMAS, Martin, (2000) «Divisive Decolonization: The Anglo-French Withdrawal from Syria and Lebanon, 1944-46» in *The Journal of Imperial and Commonwealth History*, 28:3, pp.71-93.
- TOKMAJYAN, Armenak (2014), «Hezbollah’s Military Intervention in Syria. Political Choice or Religion Obligation? » in *Approaching Religion*, Vol. 4, n.º 2, pp 105-112.

MARCO FORTUNATO ARRIFES

É Licenciado em História, tem formação superior especializada em Biblioteconomia, História Demográfica e Relações Internacionais. Pós Graduado em Gestão e Administração pelo Instituto Superior de Educação e Ciências, Mestre em História dos séculos XIX e XX pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Doutorando em História Estudos de Defesa e Segurança (AM-ISCTE). É autor do livro «A primeira Guerra Mundial na África Portuguesa (1914/1918)» e de um vasto número de artigos publicados em revistas nacionais e internacionais, dos quais se destacam os estudos sobre as políticas de defesa do espaço colonial português entre 1926 e 1960, e o mais recente: «Pembe. O Império empalideceu de Medo Fúria e Vergonha» publicado em janeiro de 2016 pelo Instituto Universitário Militar (IUM).

